

# UNIVERSIDADE SALVADOR - UNIFACS

## A SEMIOLOGIA DA VIOLÊNCIA

### A ANÁLISE SEMIÓTICA DA VIOLÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA DOS JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR-BA O CASO DA MATA ESCURA

Talita da Silva Lima<sup>1</sup>

Orientador: Carlos Alberto da Costa Gomes<sup>2</sup>

*"A educação é a frente de batalha para a verdadeira revolução ideal: a que de fato transforma a sociedade, sem fazer tombar uma única vítima".*

*Thiago Dornelas de Oliveira*

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar as formas de comunicação da violência em grupos de jovens da Mata Escura, bairro da periferia de Salvador. A pesquisa terá por base o depoimento dos jovens do projeto de Prevenção e Redução do Risco Social desenvolvido pelo CRH-UFBA/UNIFACS/FAPESB, e a forma como esta violência é representada pelos jovens através dos signos e símbolos sociais. Estudar como a violência é representada e o papel desempenhado por ela na construção da cultura dos jovens, é de grande relevância, pois através disto podemos identificar a multiplicidade de signos utilizados na formação da cultura juvenil e que mensagem eles comunicam o que permitirá identificar uma forma eficaz de comunicação para prevenção do risco social, principalmente com os jovens – vítima preferencial da violência.

**Palavras-chave:** cultura, semiologia, violência, jovens, comunicação

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda. Aluna de Iniciação Científica. Bolsista FAPESB.

<sup>2</sup> Possui graduação em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (1977), mestrado em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1987) e doutorado em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado Maior do Exército (1995). Atualmente é professor titular das cadeiras de metodologia, métodos de pesquisa e geopolítica do programa de pós-graduação em planejamento do desenvolvimento regional e urbano - PPDRU da Universidade Salvador - UNIFACS. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em integração internacional, guerra e paz, conflito e operações de garantia da lei e da ordem. Trabalha com os seguintes temas: estratégia, geopolítica e integração regional; violência urbana, segurança pública, criminalidade e segregação do espaço na cidade de Salvador na Bahia; desenvolvimento sustentável, planejamento regional e urbano, serviços regionais e urbanos.

## 1. INTRODUÇÃO

O homem tem necessidade de viver em comunidade marcando sua existência pelos múltiplos contatos com outros indivíduos. Sociedade, homem e comunicação instituem relações interdependentes e essenciais para a espécie humana.

A comunicação em suas múltiplas formas é um processo básico de produção e relações sociais, onde há construção de diversas formas de sociabilidade.

A partir daí temos a definição de cultura, que são valores que regem uma sociedade, e que só existe por causa da comunicação e que com certeza pode ser resumida como “produto do homem”. A comunicação é um canal pelo qual os padrões da vida de uma cultura são transmitidos, pelos quais o homem aprende a ser membro da sua comunidade.

O homem não seria capaz de fazer a cultura sem a linguagem. É a linguagem que constrói o social, o processo de trocas que é o que faz com que a cultura seja cultura.

<sup>3</sup>Cultura é a reflexão do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo, e sobre o que faz neste mundo. É o feito e o fazer, é o como fazer o que se faz. É a criação de uma realidade não prevista nos desígnios da Natureza. Um Real objetivo, como a construção de casas e pontes, feitas de pedra; e um Real subjetivo, como a Moral, feita de valores. (Augusto Boal, 2006)

A linguagem é, portanto o instrumento de base nesta cultura, um elemento de produção social. O estudo das representações e significações dos símbolos e signos<sup>4</sup> que constituem essa linguagem é de extrema importância, pois é

---

3 O texto foi produzido para a Mesa Redonda "Arte e Cidadania", realizada em 25 de novembro, no Centro Cultural da Ação da Cidadania, durante o Fórum Cultural Mundial 2006.

4 Segundo Saussure (1945, 129) o signo se define como uma entidade de duas faces intimamente unidas (necessariamente unidas, dirá Benveniste): o significante (aspecto material do signo) e o significado (conceito).

onde começa todo processo de comunicação, que rege a nossa realidade. No processo de elaboração da representação há predominância do social sobre o individual.

Face a importância das representações, como analisar a violência segundo a semiótica? Como se apresentam os signos e seus significados neste contexto? De que forma eles participam da construção da cultura que poderá identificar esses jovens?

A forma como um jovem vê a si próprio, seus valores, sua competência pode ser afetada pelo grau de violência no qual foi exposto ao longo da sua vida.

Mas o que é a violência? Nos dicionários define-se, de forma simples, como aquilo que é contrário ao Direito, a Justiça ou, ainda, aquilo que resulta do uso da força bruta. Estas definições não se aplicam à violência que exploramos neste trabalho e para definir com clareza este termo, recorreremos a Minayo (1994) que lançou uma luz sobre as possíveis definições para violência, estabelecendo três grandes subcategorias: a estrutural, a da resistência e a da delinqüência.

A violência estrutural oferece um marco à violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte, é o caso da juventude negra e pobre no Brasil, muito mais vulnerável, que o restante da população, a vitimização.

Já a violência da resistência constitui-se das diferentes formas de resposta dos grupos, classes, nações e indivíduos oprimidos à violência estrutural, como exemplo, podemos citar as que ocorreram em função da ação de movimentos ou grupos revolucionários, que fizeram atentados, guerrilhas e outros atos violentos na luta contra um regime opressor.

Enquanto a violência da delinqüência é aquela que se revela nas ações fora da lei socialmente reconhecida, que é fruto da vontade individual e cujo objetivo é obter vantagem pecuniária ou benefício próprio, é descaracterizada de moral, não tem ideal, tem o objetivo de obter vantagem sem considerar mais nada. É fácil de identificar, porque, mesmo quando a ação é coletiva, esta se desvincula dos princípios e normas morais da sociedade. É esta que nos interessa, pois atinge proporções de epidemia e se transformou em principal preocupação dos brasileiros

após a redemocratização da década de 80 do século passado, quando pensávamos que a violência diminuiria, visto que o Estado opressor deixou de existir e com ele a violência estrutural de origem política e a da resistência em oposição a esta. Sua face mais visível é o número de assassinatos.

A partir daí, visamos investigar através de uma análise semiótica de que forma a violência participa direta ou indiretamente na construção da cultura desses jovens, identificando os signos que evidenciam essa participação.

Segundo Debarbieux (1998) a juventude está associada à incivilidade, a desorganização, a introdução do caos e a perda de sentido da vida nesta faixa etária. A violência que atinge os soteropolitanos, especificamente no bairro da Mata Escura, concentra-se sobre os jovens, sejam como vítimas ou como atores, portanto pode ser considerada um fenômeno social e não como resultante da ação de um indivíduo que isoladamente se expõe ao risco. Desta forma questiona-se, como a violência faz parte da construção da cultura destes jovens?

Como vimos que somos capazes de abrir mão de nossa liberdade e de adotar comportamentos condizentes com a obtenção de certas vantagens imediatas, em nosso cálculo de custo-benefício na vida cotidiana, reconheçamos que o nosso apego a valores é relativo à eficácia desses valores nas práticas da vida política, econômica, cultural e social. (Gey Espinheira<sup>5</sup>, 2006).

Deste modo, valer salientar que é de extrema importância à compreensão de como os jovens se comportam neste contexto, e como suas vidas e conseqüentemente sua cultura sofrem influências desta exacerbada violência.

---

5 Carlos Geraldo D'Espinheira, sociólogo, doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor adjunto do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia; pesquisador associado ao Centro de Recursos Humanos - CRH-UFBA; líder do Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq. "Cultura, cidade e democracia: sociabilidade, representações e movimentos sociais".

## 2. PROBLEMATIZAÇÃO

A violência é um tema que faz parte do cotidiano dos brasileiros, pois já ocupa a primeira posição dentre as preocupações da população segundo os principais meios de comunicação e pesquisas de opinião pública.

Minayo (1994) que lançou uma luz sobre as possíveis definições para violência, estabelecendo três grandes subcategorias, dentre elas temos a violência da delinqüência que parece definir a violência na qual nos referimos.

Como já foi visto a violência da delinqüência se revela nas ações fora da lei socialmente reconhecida, que é fruto da vontade individual e cujo objetivo é obter vantagem pecuniária ou benefício próprio, é descaracterizada de moral, não tem ideal, tem o objetivo de obter vantagem sem considerar mais nada. É fácil de identificar, porque, mesmo quando a ação é coletiva, esta se desvincula dos princípios e normas morais da sociedade. Sua face mais visível é o número de assassinatos.

Somente na cidade de Salvador, ocorreram em 2007, 1.337 assassinatos segundo dados do Centro de Documentação e Estatística Policial (CEDEP), que representam um aumento de 38,3% em relação ao ano de 2006. (A Tarde, 2008)

Outras estatísticas preocupantes são as que relacionam a violência à juventude. De acordo com uma pesquisa realizada pela UNESCO, a violência atinge muito mais os jovens de 15 a 24 anos do que pessoas das outras faixas etárias. A pesquisa mostra que, entre os jovens de 15 anos, 23% morrem por ou vítimas de homicídios. Aos 17 anos, os jovens assassinados já são 35,3%. A violência atinge seu máximo com os jovens de 20 anos: 37,1% deles morrem vítimas de homicídios.

Neste contexto, a preocupação com a vitimização dos jovens é fundamental, como entender de que forma a violência está ligada direta ou

indiretamente à cultura desses jovens? Que conteúdos, mensagens e conceitos e qual interpretação poderá ser feita a partir da sua análise? Tentaremos responder a estes questionamentos no decorrer deste trabalho.

### 3. JUSTIFICATIVA

A comunicação é imprescindível para a existência humana, estando presente em qualquer relação, seja ela superficial ou profunda. Essas relações acabam por construir culturas e conseqüentemente a sociedade, mostrando que não poderia existir comunicação sem sociedade e nem sociedade sem comunicação.

Mediante esse processo temos a comunicação como agente de transformação, capaz desempenhar um papel significativo para prevenir o risco da violência social e urbana, e assim minimizar as suas conseqüências, já que violência é algo inescapável à realidade, constituindo-se uma das principais preocupações da sociedade brasileira contemporânea.

O retrato da violência é de jovens como principais vítimas, independente da classe social. Tanto a juventude com condições financeiras privilegiadas, quanto às oriundas das classes populares vivenciam uma realidade com vários pontos em comum.

Estudar de que maneira toda essa violência é representada e que papel ela desempenha na construção da cultura dos jovens é de grande importância, pois, através disso podemos identificar que signos são utilizados nesta formação e que mensagens eles buscam comunicar, utilizando-as para a prevenção do risco social.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Neste trabalho entende-se risco social de forma ampla, como uma situação presente em toda a sociedade, porém com mais possibilidade de ocorrer entre os jovens excluídos da sociedade de consumo pela condição econômica e cultural.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico, partimos dos estudos realizados no âmbito da teoria da comunicação, por autores como; Adorno (1999) e Lazarsfeld (1999) para assim compreender a comunicação e suas diversas modalidades como processos estruturantes da sociabilidade, não desprezando a compreensão da dimensão simbólica da linguagem/comunicação a partir do estudo dos signos e suas mediações.

No que tange o entendimento da comunicação como mediadora, buscou-se referencial teórico nas idéias de Marshall McLuhan (1979) sobre meio e mensagem, propiciando a compreensão da comunicação midiática como fato e como problema da sociedade moderna que desafia a pesquisa das ciências sociais.

Uma outra fonte de pesquisa veio a partir da leitura de autores como Lúcia Santaella (1996), onde os sistemas de signos e as análises servem ao leitor como exemplos dos diversos campos a que a semiótica pode se aplicar e que facilita a compreensão do conteúdo a ser analisado.

No que diz respeito à definição de violência podemos citar Minayo (1994) e Debarbieux (1998), que buscam definir a violência através de um olhar social e bastante crítico no qual o Estado participa diretamente do produto final que é a própria violência, seja ela de qualquer natureza.

Alguns autores contemporâneos também foram fundamentais na construção do referencial teórico. Gey Espinheira (2006) fala sobre as mudanças na vida social, a partir da vontade e de contradições e afirma que somos o que fazemos, o que produzimos, ou seja, um produto nosso, e que decorre das inúmeras influências que moldam o nosso comportamento.

Costa Gomes (2005) trata do espaço urbano e criminalidade aproximando vários conceitos e fatores que atuam sobre o tema.

Por fim, na tentativa de se definir a melhor maneira de obter um resultado significativo neste trabalho, buscou-se apoio nas metodologias de pesquisa, especificamente Metodologias Qualitativas na Sociologia, de Teresa Maria Frotta Haguette (2005), onde foram estudadas as melhores maneiras para obter sucesso neste trabalho acadêmico.

## 5. MÉTODOS

A metodologia aplicada será a qualitativa, com emprego da História Oral, com base na obra de Teresa Maria Frota Haguette (2005), para evidenciar características comuns dos casos selecionados com apoio da equipe do Centro de Recursos Humanos da UFBA na população inscrita no projeto de Redução de Risco Social CRH/ UFBA - UNIFACS/ Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública do Território/ Laboratório de Tecnologia Social de Programa de Pós-graduação em planejamento de Desenvolvimento Regional e Urbano (LTECS).

- **Identificar de que forma é percebida a violência urbana**

Através de entrevistas semi-estruturadas coletaremos dados que servirão de apoio e nos trará uma compreensão à cerca de como é visto a violência urbana pelo público em questão.

- **Identificar o grau de participação da violência nesta construção de cultura**

Análise documental – Recorreremos a alguns documentos gerados pelas oficinas e atividades realizadas no Projeto, que serão fornecidos pela organização do mesmo.

- **Verificar a linguagem e forma de expressões e suas significações de que envolvem o tema**

A partir da análise dos trabalhos desenvolvidos com grupos focais formados pelos jovens inscritos no projeto, buscaremos identificar a linguagem e forma de expressões que afirmam que a violência faz parte da construção de cultura desses jovens.

- **Descrever os signos e seus significados**

Através de uma descrição do conteúdo e das principais características presente nas mensagens produzidas pelos jovens, será feita uma relação com a bibliografia utilizada, buscando um maior esclarecimento dos símbolos e assim estabelecendo seus significados.

## 6. A PESQUISA

### 6.1 VIOLÊNCIA X PERIFERIA

A violência é um fenômeno que participa cotidianamente da nossa realidade, já que é uma das principais preocupações da sociedade brasileira nos dias atuais.

A relação entre pobreza e violência é constante, pois a ausência de serviços públicos básicos, como educação, segurança, saneamento e saúde, estimulam a violência na periferia das cidades brasileiras, segundo estudos realizados por órgãos de pesquisa.

Somente na cidade de Salvador, 1.337 assassinatos ocorreram em 2007, segundo dados do Centro de Documentação e Estatística Policial (CEDEP), que representam um aumento de 38,3% em relação ao ano de 2006. (A Tarde, 2008).

Como podemos ver, os índices de violência tiveram um aumento significativo na Bahia, e neste contexto os jovens são as vítimas mais freqüentes.

Mas os jovens também comparecem como autores da violência. Um estudo realizado para o Município de São Paulo em 1996, identificou que o perfil dos adolescentes que se envolvem com atos infracionais não é distinto do perfil da criminalidade na população adulta. Além disso, houve um aumento da proporção de adolescentes representados na criminalidade violenta.

De acordo com uma pesquisa realizada pela UNESCO, a violência atinge muito mais os jovens de 15 a 24 anos do que pessoas das outras faixas etárias. A pesquisa mostra que, entre os jovens de 15 anos, 23% morrem de homicídios. Aos 17 anos, os jovens assassinados já são 35,3%. Até que a violência atinge seu máximo com os jovens de 20 anos: 37,1% deles morrem vítimas de homicídios.

Analisando estes jovens inseridos no cenário da violência na periferia, seja ela de qualquer metrópole brasileira, temos jovens com pouca instrução, pobres, e na sua grande maioria negros.

Em Salvador, esta realidade não é diferente. A cidade convive com a violência fatal contra jovens negros entre 15 e 24 anos (CEAFRO, 2008).

Neste contexto, a preocupação com a vitimização dos jovens é fundamental, e a busca de soluções para mudar essa realidade é constante e ilimitada.

## **6. 2 PROJETO CONVIVÊNCIA, ARTE E CRIAÇÃO**

No sentido de prevenir a violência e combater a pobreza e exclusão social, o projeto atua no bairro da Mata Escura, bairro periférico de Salvador, desenvolvendo conhecimentos e valorizando a juventude, este projeto propõe transformações buscando enfrentar as contradições da sociedade.

Segundo Marcos César 7, o projeto é um modelo de projeto baseado na participação, com o objetivo de gerar práticas inovadoras que possam ser aplicadas na vida real, contribuindo para a melhoria das condições de vida dos sujeitos envolvidos, através de inúmeras experiências de aprendizagem intensivas e complexas, integradas a diversos campos do saber, estimulando a responsabilidade e a aprendizagem cooperada.

O projeto funcionou com atividades direcionadas, onde os jovens, envolvidos produziam conhecimentos, em relação aos vários temas como família, trabalho, sociedade, dentre outros.

Todo este trabalho foi realizado através de diversas atividades, como as oficinas de música, teatro, dança e muitas outras que buscaram através da arte entender a forma de pensamento e a compreensão das atitudes desses jovens. Outra atividade foi o trabalho com Grupos Focais onde houve troca de experiências e várias discussões com temas variados que faziam parte do cotidiano dos participantes, como escola, trabalho, família e etc.

A seguir estaremos analisando alguns dos trabalhos desenvolvidos no decorrer do projeto.

Baseando-se na dissertação de Marcos César Guimarães dos Santos, Mestrando em Análise Regional pela UNIFACS, temos as informações abaixo.

---

7 Licenciado em História. Especialista em Qualidade da Educação Básica. Mestrando em Análise Regional pela UNIFACS. Pesquisador CRH-UFBA. Colaborador do LTECS-UNIFACS.

## OFICINAS

- Oficina de Direitos Humanos e Cidadania: Coordenada pela professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Tânia Cordeiro, as dinâmicas de grupo estimularam a reflexão a partir de situações cotidianas identificando ocorrências de desrespeito e de violação dos direitos. Além de lhes apresentar, a partir da análise de uma situação real, instrumentos jurídicos de exigibilidade dos direitos humanos (representação) foram ferramentas presentes na atividade, a elevação da auto-estima foi consequência do trabalho realizado.
- Oficina de Literatura: Estimulou a produção textual, convidando a todos a participação no mundo da leitura, fazendo ver que a leitura é um processo complexo onde elementos variados interagem na formação de sentidos diversos e de variadas interpretações. Destacou-se a atividade de produção de cordéis em parceria com a oficina de arte-educação, esse exercício tomou como pano de fundo a realidade cotidiana, a valorização da cultura local, dos personagens do bairro como “Pernambuco”.  
Essa construção resultou em um universo de informações sobre o bairro, sua história, seus moradores, a violência cotidiana, olhares sobre a sociedade soteropolitana, os cordéis foram impressos e expostos para a comunidade.
- Oficina de Arte educação: Foi a que mais permitiu aos jovens se identificarem, sentirem-se reconhecidos e valorizados, estimulados em suas criatividade, potencializados em seus sonhos. Incentivou as produções espontâneas de textos dos educandos e a conscientização do significado dos trabalhos por eles elaborados, reconhecendo-os como um poderoso instrumento de educação.
- Oficina de Música: Trouxe novas perspectivas ao grupo, valorizou seus saberes e gostos musicais, mostrou a música enquanto uma nova forma de linguagem estimulou a criatividade e a capacidade de criar em conjunto. Refletiu em grupo sobre os personagens que compõem o imaginário do bairro e das ruas dos alunos. Discutiu sobre músicas relacionadas à rua e às participações dos indivíduos na vida social. Aprofundou a reflexão sobre o estar-no-mundo e sobre a construção da identidade do lugar e dos indivíduos.

- Oficina de Teatro: Relaxou, estimulou, desconstruiu, relacionou, criou e falou através de outras linguagens. O corpo foi seu principal instrumento de expressão, nela os jovens se descobriram, se reconheceram. A peça teatral foi à culminância dos seus esforços, momento de entrega, ápice da alegria.
- Oficina de Dança: Trabalhou a expressão corporal dramatizado através do gesto. A relação grupo e espaço foi continuamente buscada. As coreografias foram pensadas a partir dos relatos extraídos dos debates dos textos, as palavras deram vez ao movimento dos corpos.
- Dentre as atividades realizadas neste projeto, destacamos também a **oficina Memória do Medo**, a atividade tinha como objetivo exteriorizar as situações em que se sentem inseguros, ações que tem receio, que tem medo do que pode ocorrer. A arte-educadora Débora Fontes (faz parte do projeto) propôs que alunos tirassem o medo de dentro deles e transformassem em um boneco de cerâmica. Temos alguns exemplos dos trabalhos produzidos e dos significados atribuídos a eles pelos alunos, no caso específico procuraram retratar suas vivências. Um garoto fez uma “arma que representava seu medo do crime e violência”, segundo Marcos César, Mestrando em Análise Regional pela UNIFACS, por trás desse medo está estabelecida uma relação de poder.

## GRUPOS FOCAIS

- **Tema: O bairro da Mata Escura**

Eles relatam que o bairro é visto como perigoso, sem valor, que dá medo.

“O bairro serve como piada: Deus é mais, lá é perto da penitenciária, só tem ladrão - associam logo”.

Relataram brigas entre bairros. Há atrito entre a Mata Escura e alguns bairros como: Sussuarana, Tancredo Neves e Barreiras.

Neste grupo focal, podemos analisar de que forma os jovens vêem seu ambiente social. Nós sabemos que o indivíduo é fruto de meio em que vive, mas como mudar

esta realidade. O bairro já é conhecido pelo alto nível de criminalidade, e estes jovens inseridos neste ambiente afirmaram como convivem com a situação e de que forma também buscam fazer a diferença, onde todos os fatores buscam mostrar justamente o oposto.

Analisando semioticamente os resultados deste grupo focal, destacamos o sentido de “bairro perigoso”. Eles conceituam o bairro desta forma devido o histórico do lugar, e muitos trechos do bairro devem ser evitados, segundo eles.

O local perigoso pode ser interpretado como um lugar escuro, sombrio, onde há ausência de luz. Ninguém gosta do escuro, pois a escuridão está associada ao medo, implicitamente a uma coisa ruim, onde há falta de vida também, logo, um local escuro é um local perigoso, indesejado, pois pode gerar a morte, ou seja, o fim. Remete ao desconforto, um local não agradável, conseqüentemente, inadequado.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação não é algo dado, mas produzido como resultante das necessidades humanas e que ela é construída pela linguagem, que forma o processo de trocas, vemos as oficinas como um ambiente constante dessas trocas.

Desta forma, ela torna-se um instrumento de produção social e pode ser considerada uma ação social sendo fruto de um constante processo de construção e desconstrução, constituída por signos e símbolos que nos fornece múltiplas formas de interpretação.

As representações que constituem a linguagem definem onde começa todo o processo de comunicação, e a partir delas estamos conhecendo de que forma os jovens comunicam a insegurança causada pela violência. Segundo Laswell, o emissor (quem) comunica uma mensagem (diz o que) que produz para o efeito (impacto); o receptor (a quem) alcança com os seus sentidos essa mensagem e associa-lhe certo conteúdo (decodifica a mensagem). Desta maneira o ato afeta o seu autor e simultaneamente é afetado por toda uma corrente de atos comunicativos, transmitindo mensagem com um conteúdo comum, compreensível entre eles. Não é diferente quando esta comunicação se dá entre os jovens, tanto a comunicação verbal, quanto à não-verbal.

A linguagem nas suas variadas formas (grafite, música, poesias, pichações, padrões de consumo, etc.) tem uma função social de grande relevância, em especial para a juventude durante seu processo de desenvolvimento, ela representa a exteriorização de um sistema simbólico do grupo em que está inserido, permite que o indivíduo seja capaz de compreender o mundo, interagir com ele.

Face à importância de analisar de que forma a violência está presente na construção da cultura dos jovens, fez-se necessário uma maior compreensão e fortalecimento dos conhecimentos, no que diz respeito ao estudo dos signos. As representações simbólicas possuem significados heterogêneos em contextos sociais diferentes, uma multiplicidade de formas, uma pluralidade de possibilidades, disponíveis a partir do contexto cultural construído ao longo das experiências sociais individuais e coletivas. Os grupos sociais se apropriam dessa dinâmica cultural para criarem suas identidades e suas estruturas simbólicas.

Partindo da premissa que a violência pode ser vista de diversas formas, dependendo do contexto social no qual a mesma está inserida, a análise está sendo

feita de acordo com as especificidades sociais ou de socialização destes jovens da Mata Escura.

## 8. REFERÊNCIAS

- ESPINHEIRA, Gey. **OBSERVARE: Revista Interdisciplinar de Segurança Pública do Território** [recurso eletrônico]– Vol1, (jan. /jun. 2007)- Salvador: Universidade Salvador – UNIFACS. Observatório Interdisciplinar de Segurança Pública do Território, 2007. Pg. 39.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na sociologia**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Lisboa, Ed. 70, 1984.
- LIMA, Luis Costa. **Teorias da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Ed.Saga, 1987.
- MATTELART, Armand e Michele. **Histórias das teorias da comunicação**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1979.
- MINAYO, M. C. S. **Social Violence from a Public Health Perspective**. Cad. Saúde Públ, Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura. A Cultura na era da informação**. Lisboa, Ed. Presença, 1990.
- SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 13.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches e PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, insegurança e imaginário do medo, **Cad. CEDES** vol.19 n.47 Campinas Dec.1998.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 1987.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1994.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva S.A, 2005.
- LITTLEJOHN, Stephen W. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana**. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.